

ANGELA
CARTER

A menina do capuz
vermelho e outras
histórias de dar medo

Tradução de
LUCIANO VIEIRA MACHADO



Copyright © 2005 by Espólio de Angela Carter
Contos extraídos de *103 contos de fadas*/
Angela Carter (Companhia das Letras, 2007)

A versão integral foi publicada originalmente em duas edições:

*The Virago book of fairy tales Collection, Introduction
and Notes* © Angela Carter 1990
The second Virago book of fairy tales Collection
© The Estate of Angela Carter 1992

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Angela Carter's book of fairy tales

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Alexandre Boide

REVISÃO
Huendel Viana
Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carter, Angela, 1940-1992.

A menina do capuz vermelho e outras histórias de dar
medo / Angela Carter; tradução Luciano Vieira Machado. —
São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

Título original: Angela Carter's book of fairy tales.
Bibliografia.

ISBN 978-85-63560-19-3

1. Contos de fadas 2. Mulheres — Folclore 1. Título.

11-02976

CDD-398.21

Índice para catálogo sistemático:
1. Contos de fadas : Literatura folclórica 398.21

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500 Fax (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Angela Carter	7
Sermerssuaq	25
A menina do capuz vermelho	27
Bela e Rosto Bexiguento	31
A madrasta malvada	37
O rapaz feito de gordura	41
A peluda	43
Duang e sua mulher selvagem	45
A velha que vivia dentro de uma garrafa de vinagre	53
O povo com focinho de cachorro	57
A órfã	59
Catarina Quebra-Nozes	65
A princesa com a roupa de couro	69
Nourie Hadig	79
Casaco de Musgo	89
A moça sem braços	101
A menina inteligente	107
As duas mulheres que conquistaram a liberdade	111
A feiticeira-gata	113
A batalha dos pássaros	115
Como um marido curou a esposa viciada em contos de fadas	127
<i>Notas</i>	129
<i>Agradecimentos</i>	141

Sermerssuaq

(inuíté)

Sermerssuaq tinha tanta força que conseguia levantar um caiaque com três dedos. Ela era capaz de matar uma foca só esmurrando sua cabeça. Conseguia rasgar em pedaços uma raposa ou uma lebre. Certa vez travou uma luta corpo a corpo com Qasordlanguaq, outra mulher muito poderosa, e surrou-a com tanta facilidade que no final comentou: “Essa pobre Qasordlanguaq não consegue nem vencer um de seus próprios piolhos”. Ela conseguia vencer a maioria dos homens e então lhes dizia: “Onde você estava quando fizeram a distribuição de testículos?”. Às vezes essa Sermerssuaq exibia o próprio clitóris. Ele era tão grande que a pele de uma raposa não podia cobri-lo por completo. *Aja*, e como se isso não bastasse, ela ainda era mãe de nove filhos!

A menina do capuz vermelho

(francês)

Era uma vez uma menina bonita adorada pela mãe e ainda mais pela avó. Essa boa mãe fez para ela um capuz vermelho desses que as damas usam quando andam a cavalo. O capuz ficou tão bem na menina que logo todos passaram a chamá-la Capuz Vermelho.

Certo dia, a mãe assou alguns bolos e disse:

“Sua avó está doente; você deve ir visitá-la. Leve-lhe um desses bolos e um potinho de manteiga.”

Capuz Vermelho partiu para a aldeia vizinha para visitar a avó. Quando ia andando pela floresta, encontrou um lobo. Ele queria comê-la, mas não ousava fazer isso, porque havia lenhadores trabalhando ali perto. O lobo lhe perguntou para onde ia. A pobre criança não sabia o quanto é perigoso conversar com lobos, por isso respondeu inocentemente:

“Vou à casa da minha avó levar-lhe este bolo e este potinho de manteiga que a minha mãe mandou.”

“Sua avó mora longe daqui?”, o lobo perguntou.

“Ah, sim”, Capuz Vermelho disse. “Ela mora depois daquele moinho lá adiante, na primeira casa que se avista ao entrar na aldeia.”

“Bem, também vou visitá-la”, o lobo disse. “Vou por este caminho, e você vai por aquele, e vamos ver quem chega primeiro.”

O lobo foi correndo pelo caminho mais curto, Capuz

Vermelho foi pelo mais longo, e ela demorou ainda mais porque foi apanhando nozes, correndo atrás das borboletas e colhendo flores à beira do caminho.

O lobo logo chegou à casa da avó. Ele bateu à porta, toque, toque, toque.

“Quem é?”

“Sua neta, Capuz Vermelho”, o lobo disse disfarçando a voz. “Trouxe um bolo e um potinho de manteiga que a mamãe mandou.”

A avó estava deitada na cama porque estava indisposta. Ela gritou:

“Levante a tranca e entre!”

O lobo levantou a tranca e abriu a porta. Fazia três dias que ele não comia. Ele pulou em cima da boa senhora e a devorou. Então fechou a porta atrás de si e se deitou na cama da avó para esperar por Capuz Vermelho. Finalmente ela chegou e bateu na porta, toque, toque, toque.

“Quem é?”

Capuz Vermelho ouviu a voz rouca do lobo e pensou que a avó estava resfriada. Ela respondeu:

“É a sua neta, Capuz Vermelho. Trouxe um bolo e um potinho de manteiga que a mamãe mandou.”

O lobo disfarçou a voz e disse:

“Levante a tranca e entre.”

Capuz Vermelho levantou a tranca e abriu a porta.

Quando o lobo a viu entrar, escondeu-se sob o cobertor e disse:

“Ponha o bolo e a manteiga no cesto de pão e venha se deitar comigo.”

Capuz Vermelho tirou a roupa e foi se deitar na cama. Ela ficou assustada com a aparência da avó. E lhe disse:

“Vovó, que braços grandes você tem!”

“São para te abraçar melhor, queridinha.”

“Vovó, que pernas grandes você tem!”

“São para correr melhor, queridinha.”

“Vovó, que orelhas grandes você tem!”

“São para te ouvir melhor, queridinha.”

“Vovó, que olhos grandes você tem!”

“São para te ver melhor, queridinha.”

“Vovó, que dentes grandes você tem!”

“São para te comer melhor!”

Então o lobo mau pulou em cima de Capuz Vermelho e a devorou também.

Bela e Rosto Bexiguento

(chinês)

Era uma vez duas irmãs; a mais velha era muito bonita, e todos a chamavam de Bela; porém a mais nova tinha o rosto coberto de bexigas, e todos a chamavam Rosto Bexiguento. Filha da segunda esposa, ela era muito mimada e tinha mau caráter. Bela era ainda bem pequena quando sua mãe morreu. Depois de morta, sua mãe se transformou numa vaca amarela que vivia no jardim. Bela adorava a vaca amarela; mas a vaca levava uma vida desgraçada, porque a madrasta a tratava muito mal.

Certo dia a madrasta levou a filha feia ao teatro e deixou a mais velha em casa. Ela queria acompanhá-las, mas a madrasta disse: “Amanhã eu a levo, se você arrumar direitinho o cânhamo no meu quarto”.

Bela foi para fora de casa e se sentou diante de uma pilha de cânhamo, mas, depois de muito tempo, só tinha conseguido separar metade. Debulhando-se em lágrimas, levou o cânhamo para a vaca amarela, que engoliu toda aquela massa e depois a cuspiu fora, já arrumada direitinho. Bela enxugou as lágrimas e deu o cânhamo à madrasta quando esta voltou para casa. “Mãe, aqui está o cânhamo. Amanhã poderei ir ao teatro com você, não é?”

Mas no dia seguinte, a madrasta novamente se recusou a levá-la, dizendo: “Você poderá ir quando tiver separado as sementes de gergelim dos grãos de feijão”. A pobre menina teve que separar semente por semente

até os seus olhos começarem a doer por causa da tarefa cansativa. Novamente ela foi até a vaca amarela, que lhe disse: “Menina boba, você deve separar os dois com uma peneira”. Então ela entendeu, e logo as sementes de gergelim estavam separadas dos grãos de feijão. Quando levou à madrasta as sementes separadas direitinho, sua mãe viu que não podia continuar impedindo-a de ir ao teatro, então lhe perguntou: “Como pode uma criada ser tão esperta? Quem a ajudou?”. E Bela teve que confessar que a vaca amarela a tinha orientado, o que enfureceu a madrasta. Então, sem dizer uma palavra, ela matou e comeu a vaca amarela, mas Bela gostava tanto dela que não podia comer sua carne. Em vez disso, colocou os ossos num pote de barro e os escondeu no seu quarto.

Dia após dia, a madrasta se recusava a levá-la ao teatro, e certa noite, quando ela lá estava com Rosto Bexiguento, Bela ficou tão revoltada que quebrou tudo que tinha em casa, inclusive o pote de barro, que se partiu com um estalo; então apareceu um cavalo branco, uma roupa nova e um par de sapatos bordados. O súbito apagamento dessas coisas a encheu de pavor, mas logo ela viu que se tratava de objetos de verdade e, vestindo rapidamente as roupas novas e calçando os sapatos, montou no cavalo e cruzou o portão da casa.

Enquanto cavalgava, um dos sapatos caiu no fosso. Ela queria desmontar para recuperá-lo, mas não conseguiu; ao mesmo tempo, não queria deixá-lo ali. Estava nesse dilema quando apareceu um vendedor de peixes. “Irmão peixeiro! Por favor, pegue o meu sapato”, ela lhe disse. Ele respondeu com um sorriso malicioso: “Com todo o prazer, se você se casar comigo”. “Quem casaria com você?”, ela respondeu, irritada. “Os peixeiros sempre cheiram mal.” Vendo que não tinha a menor chance, o peixeiro seguiu o seu caminho. Em seguida passou um balconista de um armazém de arroz, e ela lhe disse: “Irmão vendedor de arroz, por favor, dê-me o meu sa-

pato”. “Claro, se você se casar comigo”, o jovem disse. “Casar com um vendedor de arroz! Vocês vivem cobertos de poeira.” O vendedor foi embora, e logo apareceu um vendedor de azeite, a quem ela pediu que apanhasse o sapato. “Pego se você consentir em se casar comigo”, ele respondeu. “Por que eu haveria de querer casar com você?”, Bela disse com um suspiro. “Vendedores de azeite estão sempre engordurados.” Logo depois apareceu um letrado, a quem ela pediu também que apanhasse o seu sapato. “Eu o farei agora mesmo, se você prometer se casar comigo.” Como o letrado era muito bonito, ela assentiu com um gesto de cabeça, e ele apanhou o sapato e o calçou no pé da jovem. Então o letrado a levou para a casa dele e se casou com ela.

Três dias depois, como mandava a tradição, Bela foi com o marido fazer uma visita de cortesia aos pais. A atitude da madrasta e da irmã para com ela mudou da água para o vinho: mostraram-se muito amistosas e atenciosas. À noite elas lhe pediram que ficasse, e Bela, achando que estavam bem-intencionadas, consentiu em ficar e voltar para o marido alguns dias depois. Na manhã seguinte, sua irmã a tomou pela mão e lhe disse rindo: “Irmã, venha comigo ao poço. Vamos ver qual de nós é a mais bonita”. Sem desconfiar de nada, Bela se aproximou do poço e se debruçou para olhar para dentro, mas então sua irmã lhe deu um empurrão e a jogou dentro do poço, fechando-o imediatamente com uma cesta. A pobre Bela desmaiou e morreu afogada.

Dez dias depois o marido começou a se perguntar por que sua mulher ainda não tinha voltado. Ele enviou um mensageiro em busca de notícias dela. A madrasta mandou dizer que sua mulher estava sofrendo de varíola e que ainda não estava em condições de voltar. O marido acreditou e passou a mandar todo dia ovos salgados e outras comidas para enfermos, e todas elas iam parar na barriga da irmã feia.

Dois meses depois, a madrasta, irritada com as constantes mensagens do letrado, resolveu enganá-lo, enviando-lhe a própria filha em lugar da mulher dele. Ele ficou horrorizado quando a viu e exclamou: “Meu Deus! Como você está mudada! Com certeza você não é Bela. A minha mulher nunca foi tal monstro. Meu Deus!”. Rosto Bexiguento respondeu seriamente, em tom grave: “Se não sou Bela, quem você acha que sou? Você sabe perfeitamente bem que fiquei muito doente, tive varíola, e agora quer me rejeitar. Vou morrer! Vou morrer!”. E começou a berrar. O compassivo letrado não suportou ouvi-la chorar e, embora ainda tivesse algumas dúvidas, pediu-lhe perdão e tentou consolá-la, de forma que ela por fim parou de chorar.

Bela, porém, transformou-se num pardal, e costumava cantar quando Rosto Bexiguento penteava os cabelos: “Penteie uma vez, apareça; penteie duas, apareça; penteie três, até a espinha de Rosto Bexiguento”. E a mulher má respondia: “Penteie uma vez, penteie duas, penteie três, até a espinha de Bela”. Aquela conversa deixou o letrado confuso, e ele disse ao pardal: “Por que você canta assim? Por acaso você é a minha mulher? Se você for, cante três vezes, que ponho você numa gaiola e você será o meu bichinho de estimação”. O pardal cantou três vezes, e o letrado comprou uma gaiola de ouro para ele. A irmã feia ficou furiosa quando viu que o letrado mantinha o pardal numa gaiola. Ela o matou às escondidas, jogou-o no jardim, onde dessa vez ele se transformou num bambu com muitos brotos. Quando Rosto Bexiguento comeu os brotos, formou-se uma úlcera na sua língua; o letrado, porém, os achou excelentes. A malvada mais uma vez desconfiou, cortou o bambu e com ele fez uma cama. Quando ela se deitou na cama de bambu, foi espetada por muitas farpas, ao passo que o letrado a achou muito confortável. Ela se enfureceu novamente e jogou a cama fora.

Ao lado da casa do letrado morava uma velha que vendia carteiras. Certo dia, quando voltava para casa, ela viu a cama e pensou consigo mesma: “Ninguém morreu aqui. Por que jogaram a cama fora? Vou ficar com ela”. Então ela levou a cama para casa e passou uma noite muito confortável. No dia seguinte, viu que a comida que estava na cozinha já estava cozida. Ela a comeu, mas evidentemente ficou um pouco nervosa, pois não tinha ideia de quem a havia preparado. Assim, por vários dias notou que tinha comida feita quando chegava em casa, mas finalmente, sem conseguir conter a própria ansiedade, certa tarde ela voltou mais cedo, entrou na cozinha e viu uma sombra escura lavando arroz. Correu e agarrou a sombra pela cintura. “Quem é você?”, perguntou. “E por que prepara a comida para mim?” A sombra respondeu: “Vou lhe contar tudo. Sou a mulher do seu vizinho, o letrado, e me chamam Bela. Minha irmã me jogou num poço e morri afogada, mas a minha alma não pereceu. Por favor, me dê uma panela de arroz para me servir de cabeça, uma vara para me servir de mão, um pano de prato para me servir de entradas, atiçadores para me servirem de pés, e então poderei reassumir a minha forma”. A velha deu o que ela pediu, e num instante apareceu uma linda jovem, e a velha ficou tão contente em ver uma moça com tal encanto que quis saber tudo sobre ela. Bela contou toda a sua história e disse: “Minha senhora, tenho uma carteira que você deve pôr para vender à porta do letrado. Se ele sair de casa, venda a carteira para ele”. Dizendo isso, ela entregou à velha uma bolsa bordada.

No dia seguinte a velha ficou à porta da casa do letrado e gritou que tinha uma bolsa para vender. Enfurecido com aquele barulho, ele apareceu à porta para perguntar que tipo de bolsa ela vendia, e ela lhe mostrou a bolsa estampada de Bela. “Onde você arranjou esta carteira?”, ele perguntou. “Eu a dei à minha mulher.” A

velha então contou toda a história ao letrado, que ficou felicíssimo em saber que sua mulher ainda estava viva. Ele acertou tudo com a velha, estendeu um pano vermelho no chão e trouxe Bela de volta a sua casa.

Quando Rosto Bexiguento viu a irmã de volta, não lhe deu um minuto de sossego. Ela começou a resmungar e a dizer que aquela mulher estava fingindo ser Bela, mas que na verdade não passava de um fantasma. Ela queria que se fizesse um teste para ver quem era a verdadeira esposa. Bela também insistia estar com a razão e disse: “Ótimo. Vamos fazer um teste”. Rosto Bexiguento propôs que elas andassem sobre ovos, e quem os quebrasse perderia, mas, embora ela tivesse quebrado todos os ovos, e Bela nenhum, Rosto Bexiguento insistiu para que se fizesse mais um teste. Desta vez elas teriam que subir por uma escada feita de facas. Bela subiu e desceu primeiro, sem sofrer nenhum arranhão, mas os pés de Rosto Bexiguento ficaram cortados até os ossos antes de ela chegar ao segundo degrau. Embora tivesse perdido novamente, ela insistiu que se fizesse mais um teste: pular num caldeirão com azeite fervendo. Ela esperava que Bela, que deveria pular primeiro, se queimasse. Bela, porém, nada sofreu com o azeite quente, ao passo que a irmã malvada caiu nele e não apareceu mais.

Bela guardou os ossos queimados da irmã malvada numa caixa e os enviou à madrasta por uma velha criada gaga, que deveria dizer: “A carne de sua filha”. Mas a madrasta gostava muito de traíra e entendeu “carne de traíra” em vez de “carne de sua filha”. Ela pensou que a filha tinha lhe enviado algumas traíras, abriu a caixa muito ansiosa; então, quando viu os ossos chamuscados da filha, soltou um grito lancinante e caiu morta.

A madrasta malvada

(togolês)

Houve certa vez um homem que tinha duas esposas. A primeira lhe deu um filho, e a outra não lhe deu nenhum. Aconteceu então que a mãe do menino ficou doente e, quando percebeu que ia morrer, mandou chamar a segunda esposa e lhe confiou a guarda do filho dizendo: “Vou partir agora e tenho que deixar o meu filho. Fique com ele, cuide dele e o alimente como se fosse seu próprio filho”. A segunda esposa aceitou, e pouco depois a mulher morreu.

Mas a segunda mulher esqueceu a promessa que fizera e maltratou o órfão. Ela não lhe dava nem comida nem roupa, e a pobre criança tinha de se arranjar sozinha.

Certo dia a mulher chamou o menino e lhe disse que ele devia acompanhá-la até a mata, para buscar lenha. O menino obedeceu e foi com a mulher. Quando já estavam a uma boa distância da aldeia, a mulher entrou no mato para pegar gravetos, e o menino ficou sentado embaixo de uma grande árvore. O menino viu no chão muitas frutas que tinham caído da árvore e começou a comê-las. Ele estava com muita fome, e só ficou saciado depois de comer a última fruta. Então caiu no sono. Quando acordou, depois de algum tempo, notou que estava com fome outra vez. Mas não havia nenhuma fruta no chão, e ele era pequeno demais para alcançar os galhos e colher algumas. Então começou a cantar e,

enquanto cantava uma música de louvor à árvore, tchan! — os galhos se curvaram, permitindo-lhe subir na árvore. Então colheu as frutas que podia comer e mais algumas para levar para casa no trapo que lhe servia de roupa. Então, ainda cantando, desceu e esperou pela mulher. Logo ela voltou, e foram para casa.

Alguns dias depois, quando o menino estava sentado na frente da casa comendo a fruta que colhera, a mulher o viu e perguntou o que estava comendo. Ele lhe disse, e a mulher comeu um pouco e falou que era boa. Então ela pediu ao menino que a levasse até a árvore para que pudessem colher mais um pouco daquelas frutas excelentes.

Eles foram e, quando se aproximaram da árvore, o menino começou a cantar novamente, e a árvore obedientemente inclinou os galhos, e a mulher subiu neles. Então o menino parou de cantar, e os galhos se levantaram, levando a mulher com eles. A mulher chamou o menino, mas ele respondeu que o deus Niame agora lhe dera sabedoria e lhe mostrara como encontrar comida. E, já que a mulher não ligava para ele, agora ele ia lhe pagar na mesma moeda. E foi para a sua casa, na aldeia.

Quando chegou, todas as pessoas lhe perguntaram onde estava a mulher, e ele respondeu que ela fora para o mato buscar lenha. Anoiteceu, e nada de a mulher chegar. Então as pessoas se reuniram sob a árvore da aldeia e novamente perguntaram ao menino, e ele respondeu como antes.

Na manhã seguinte, novamente se reuniram, começaram a pedir ao menino que lhes mostrasse onde deixara a madrasta. Depois de terem pedido por muito tempo, o menino finalmente consentiu em levá-los até a mata, e lá as pessoas viram a mulher no topo da árvore. As mulheres lhe perguntaram como conseguira chegar ali, e ela lhes disse. E todos pediram ao menino que cantasse. Ele se recusou por muito tempo, mas finalmente, depois de muita insistência, concordou e começou a cantar o seu

louvor à árvore. Imediatamente os galhos se inclinaram, e a mulher ficou livre.

Então todos voltaram à aldeia e contaram ao chefe o que tinham visto. Ele convocou os mais velhos imediatamente e mandou chamar a mulher. Disse-lhe que, se o menino não tivesse consentido em cantar, ela não teria sido resgatada, e lhe pediu que relatasse como tratara o menino órfão. Ela confessou que agira mal, e o chefe disse: “Que todos tirem uma lição deste caso: quando um homem tem muitas mulheres, as crianças devem ser tratadas como filhas de todas elas. Para cada uma das mulheres, o filho do marido deve ser um filho seu, e cada criança deve chamar de mãe todas as mulheres do pai”.